

presença

fôlha de arte e crítica

coimbra ■ fev., março ■ 1929

19



EXPLICAÇÃO DO HOMEM DE MÁRIO SAA

NUNCA um título foi mais humilde, mais ambicioso... e mais exacto. Penso, até, se todos os livros, ao menos os de valor, o não poderiam ter: *A Explicação do Homem* — através duma auto-explicação. Quem, depois dêste aviso, pedir ao livro de Mário Saa uma obra de pensamento puro (e que vem a ser o pensamento puro?) erra tanto como quem lhe pedir uma obra de pura arte... — e que vem a ser a pura arte? Mais admissível seria considerá-lo antes um longo e torturado ensaio de psicólogo. Mas o livro também abunda em observações ou reflexões de carácter metafísico, de carácter ético, de carácter estético, de carácter sociológico... E vem acabar no princípio, como quem fecha, a compasso, uma circunferência: *A Explicação do Homem* — através duma auto-explicação... Ora o Homem nem é o artista, nem o filósofo, nem o sábio, nem o moralista... Porque o artista, o filósofo, o sábio, o moralista — são atitudes através das quais o homem vê a vida, que por isso mesmo reduz ou falseia: como quem através dum vidro de côr vê uma paisagem... que nem conhece nem pode conhecer senão através de vidros. Feliz ou infelizmente, essas atitudes perfeitamente definidas (Eu sou artista! Sou filósofo! Sou moralista! etc.) são inatingíveis: Não sofrem senão aproximações. Ora Mário Saa está mais longe que qualquer um de ser catalogável. Uma das forças do seu livro é não se limitar nem definir. Uma das forças do seu livro, ou antes: toda a força do seu livro — é (perdõe-se-me o lugar-comum) ser uma força natural. Ao cabo da sua leitura, é-se tentado a pensar: — «Porque não aproveite êle os seus dons de psicólogo, para escrever um romance ou um drama?» «Porque não disciplina as suas aptidões intelectuais, a sua vocação de especulativo, para escrever um verdadeiro livro de filósofo?» «Porque se não deixa ser um grande poeta, com um estilo tão pessoal e uma tal visão da humanidade?» Assim o leitor não chega a compreender que o livro de Mário Saa não foi própria-

mente feito por Mário Saa — mas se fez em Mário Saa. No entanto, o autor previnira-o disso. E previra-a teimosia da sua compreensão. Eis uma das razões porque através de todo o livro se indigna tanto com os artistas como com os pensadores. Requeitando em técnica e em narcisismo estreito, os poetas acabaram por mumificar o Poeta... Embalsamaram-no; e doiraram-lhe o ventre cheio de estôpa. Refinando na tão lisongeira arte de bem inferir, de bem induzir, de bem deduzir, multiplicando e espremendo as suas capacidades de analisar, de reflectir, de julgar, de abstrair — os lógicos acabaram por fazer da lógica o proprio objecto do seu pensamento; os discursivos ou os analistas acabaram por santificar o espírito pesado ou miúdo; os construtores de sistemas acabaram por negar aquilo mesmo que seus sistemas pretendiam interpretar ou compreender. Assim o homem fez do seu pensamento um ídolo — o tal puro pensamento! — como se o seu pensamento lhe pudesse ser superior. Assim os poetas pulularam sobre o cadáver do Poeta, habilitando-se na arte de lhe doirar o ventre sem intestinos... a tal poesia pura! Eis a decadência: O homem quis não ser um animal... e tornou-se um animal empalhado: O tigre fez-se gato, o lobo lulu de colo, o pintassilgo cantou de gaiola, o papagaio aprendeu a dizer: — «Dá cá o pé, meu loiro...» E como se a linguagem não fôsse (ou não pudesse ter sido) o mais completo meio de cada um comunicar aos outros o seu *cada um* (e o seu *nós* através do seu *cada um*) os professores ensinaram nos livros (dizeram êles que para evitar a corrupção das palavras!) que era preciso aprender nos seus livros o emprêgo das palavras... Assim cada palavra deixava de pertencer à riqueza geral através de cada riqueza particular; e só podia pertencer a cada um através da comunidade. Como se até a palavra que sai duma garganta e duns lábios — devesse e pudesse renegar a garganta e os lábios! ou como se cada palavra escrita, tendo mil posições, devesse e pudesse deixar

de ter outras tantas significações... ou, pelo menos, outras tantas *nuanças* da sua significação grosseira. Eis a decadência. Mário Saa me corrija, se sem querer o atração. Julgo não estar muito longe dum dos fulcros do seu livro. Mas sei que se não pode falar de livros ricos como o seu — sem os deturpar ou os reduzir; numa palavra, que aceito como uma penitência: sem os *interpretar*. Também sei que as reflexões de Mário Saa, sobre os admiradores são lucidíssimas. Continuemos. A irremediável decadência do homem que se hiper-civilizou (civilização, em sentido vulgar, quer dizer: adaptação, hábito, despersonalização, continência, aproveitamento) opõe Mário Saa o génio primitivo: Glória ao que *ingenuamente* interroga e responde — e cuja interrogação já é uma resposta, e cuja resposta ainda é uma interrogação...! Esse é o Pensador. Para esse, pensar é apenas viver e reviver superiormente: É suspeitar verdades, que nada têm com os sistemas tão engenhosamente urdidos pelos homens. Glória ao que insaciavelmente descobre e revela — caixa ressoando mesmo sem a batuta do regente, mesmo sem o jôgo técnico dos dedos adestrados...! Esse é o Poeta: Aprende o que já sabia. Em êstes e outros gritos bárbaros se retempera Mário Saa (em êstes ou outros semelhantes ou divergentes). Depois, é-lhe fácil desnudar impudicamente, gloriamente, a sua íntima repugnância em limitar; em sistematizar; em concluir; em decidir. Melhor, então, se apreende a infalível unidade psicológica da sua obra. E melhor se percebe como o que nela mais prontamente apareceu consequente — pode pôr ao léu a artificialidade da sua consequência. Ou como é exactamente no que primeiro pareceu inexplicável, incompreensível, que Mário Saa melhor afirma a unidade da sua auto-explicação do Homem. Intuitivo muitas vezes, Mário Saa deixa nas entrelinhas as verdades instáveis dentro das quais os seus aforismos já se não contradizem. Não obsta a que ao longo de todo o livro as persiga. E até aos silogismos recorre, no desespero de as provar... Sabe, no entanto, que são verdades sem prova: pois só são verdades porque o são, e quando o são, e só o não serão porque o não serão, e quando o não forem, para voltarem a sê-lo quando o voltarem a ser — dentro do autor... isto é: do Homem. É evidente que *bem pensar* não basta a Mário Saa. Então se desencadeiam nas suas páginas sofismas e paradoxos de toda a casta. Que importa? Percebida, a verdade dispensa todos os aparatos oficiais. Não percebida, inutiliza todas as provas. Pró e contra, para a esquerda e para a direita, arrastado pelas mais profundas ou pelas mais próximas condicionações do seu ser — Mário Saa afirma continuamente. Que importa ainda? Quem não vê que das suas atitudes proféticas, extremistas, e exteriores, anteriores ou posteriores a quanto, vulgarmente, foi defendido Arte, Filosofia, Ciência, Religião, Moral, — nenhuma sistematização dogmática ficará constringendo? Ao fim do livro, como no princípio, Mário Saa sentir-se há diante da sua tragédia; isto é: da sua explicação trágica, prolongada para o infinito... Porque é bem verdade que a lógica, a razão, o limite, a definição — são também da condição humana; e fatalmente se desenvolvem com o desenvolvimento do homem, como com o desenvolvimento do homem fatalmente

se desenvolve a sua ânsia de infinito, a par da compreensão do seu finito; a sua atracção do absoluto, a par do reconhecimento do seu relativo; o seu sentimento duma ultra-razão, a par do seu exercício cada vez mais exasperado da razão; a sua revolta contra as delimitações, a par da sua mania cada vez mais minuciosa de definir... Então surgem os torturados, os inquietos, os insaciáveis, os contraditórios, os impotentes com génio... e os que, por demasiado ricos, aspiram raivosa e nostálgicamente à simplicidade. São os filhos daquelas épocas ultra-civilizadas, que por isso mesmo oferecem contactos inesperados com a barbaria. Assim o livro de Mário Saa é, em Portugal, a mais poderosa afirmação de certas profundas correntes cotemporâneas... Correntes da sensibilidade e da inteligência. Eu falaria aqui em Nietzsche e em Chestov — se o meu conhecimento do primeiro não fôsse insuficiente, e o do segundo incipiente. De resto... para quê paralelos e filiações — quando Mário Saa é profundamente filho de muitos e pai de muitos, sem sujeição nem condescendência algumas? Mesmo sem os ter lido, Mário Saa repete ou continua muitos. E muitos, agora, repetirão, continuarão e plagiarão Mário Saa, mesmo sem o saberem. Em minha intenção e em meu juízo, é isto grande louvor a um livro em que se explica o Homem. Há, no entanto, espíritos conservadores ou tímidos — que não aceitam um autor senão reduzindo-o a outros já aceites. Para esses, talvez seja uma indicação os nomes extraordinários de Nietzsche e Chestov. É claro: uma indicação que não basta. Indirectamente, quer isto dizer que se pode não encontrar a unidade do livro de Mário Saa, se se lhe pedir uma unidade que não seja a psicológica. A unidade artificial dos sistemas (chamo-lhe artificial por me parecer provir duma limitação imposta, duma arquitectura por assim dizer exterior) não será facilmente encontrada numa obra semelhante... o que é natural pela própria natureza dela. Mas a explicação do Homem, — através dum homem representativamente actual, complicadamente eterno — essa, encontra-la há com uma admirável unidade todos os que forem capazes de a encontrarem. Mário Saa explica o Homem. Encontrar a unidade do Homem? Encontrar a unidade da Vida? Encontra-a Deus — já que nós inventamos esta Palavra para tapar todos os abismos; e pressentimos esta Verdade para iluminar tudo o que nos continua obscuro. E encontram-na os crentes de qualquer religião, de qualquer sistema, de qualquer forma de realização de qualquer entrevisto sentido da Vida. Resumo: A unidade dum livro em que se revela o Homem — ou tem de ser imposta... ou só Deus a sabe. Também a sabe qualquer espécie de místico, mas só para ele e seus confrades. Mário Saa preferiu impor o menos possível ao seu livro. Até na divisão do livro em partes, em capítulos e em tábuas — se lhe sente o constrangimento. Donde todo o valor do livro ter de resultar do mais espontâneo valor do autor. Sem nenhum desses aparatos que tornam recomendáveis livros muitas vezes mediocres ou nulos (aparatos que são: o esforço lógico, a pompa da erudição, as boas intenções reformadoras, a cultura literária, filosófica, ou científica, a precisão, clareza, e limitação das ideias, etc.) — o livro de Mário Saa, vindo explicar o

Homem aos complexos homens de hoje, tinha de revelar extraordinárias riquezas da parte do seu autor. Essas riquezas — lá estão: Senhor duma «dura experiência» da vida, mas também duma infantilidade incorrigível; civilizado decadente herdeiro de gerações e gerações; mas bárbaro brutal rico de tôdas as forças primitivas, — Mário Saa enche o seu livro de alucinantes intuições, de aforismos scintilantes, de observações e reflexões tão inesperadas quão profundas ou de hipóteses meramente engenhosas, ou de cadeias de razões que se desenvolvem em círculos viciosos e em angustiosos (e sempre reveladores) jogos de palavras... Sobre os esforços e as lutas do pensador, o artista derrama velhos bálsamos renovados. É preciso ir ao fundo desses saborosos jogos vocabulares: Ao fundo,

a eterna ferida sangra; e como sempre, de seu próprio sangue se deleita. Alguns desses parágrafos que Mário Saa chama tábuas filorsóficas — são poemas de alta beleza trágica. A terrena, gostosa, pessoalíssima, e tantas vezes arlequinesca linguagem que os redige — em nada desmente a sua elevação. Que os parvos riam — os outros compadecer-se hão deles; e ficarão a pensar — sentindo que a grandeza e a miséria humanas falam mais uma vez pela boca dum pensador e dum poeta. Falam numa linguagem diferente? Melhor. Já que citei Nietzche e Chestov a propósito do ambiente em que se exerce o pensamento de Mário Saa — eu poderia agora, a propósito dos seus meios de expressão, (alar em Chaplin e Keaton. Para quê? A indicação é claro que insuficiente) aí fica.

José Régio.